

BRINCANDO NO RIO: A cultura infantil da criança quilombola

PLAYING IN RIVER: The childhood culture of the quilombola child

Tatiane de Nazaré Rodrigues Cunha

tatiane-rc@hotmail.com

Secretarias Municipais de Educação- SEMEC

Jarleane do Socorro Barbosa de Melo dos Santos

jarleanemsantos@gmail.com

Universidade do Estado do Pará – UEPA

Nazaré Cristina Carvalho

n_cris@uol.com.br

Universidade do Estado do Pará - UEPA

Resumo:

O presente artigo objetiva identificar as brincadeiras e brinquedos presentes nas vivências lúdicas das crianças quilombolas, ao brincar no rio. Refletindo sobre os processos educativos e culturais relacionados, e suas contribuições para o enriquecimento e fortalecimento da cultura infantil quilombola. Ancoramos tais reflexões nos estudos de Arenhart (2016), Andrade (2019), Toutonge; Freitas; Pereira (2021). Como locus de estudo trazemos, a comunidade remanescente de quilombo São Sebastião, localizada no município de Acará-PA, sendo os sujeitos 11 (onze) crianças, moradoras da comunidade. A metodologia adotada nesta pesquisa apoiou-se em uma abordagem qualitativa com elementos etnográficos, ancorada na etnometodologia, na apreciação dos dados utilizamos análise de conteúdo. Dessa forma, compreendemos os aspectos educacionais e culturais que envolvem as brincadeiras no rio.

Palavras-chave: Brincadeiras, Cultura infantil, Processos educativos.

Abstract:

This article aims to identify the games and toys present in the recreational experiences of quilombola children, when playing in the river. Reflecting on related educational and cultural processes, and their contributions to the enrichment and strengthening of quilombola children's culture. We anchor such reflections in the studies of Arenhart (2016), Andrade (2019), Toutonge; Freitas; Pereira (2021). As a locus of study, we bring the remaining quilombo community of São Sebastião, located in the municipality of Acará-PA, with 11 (eleven) children, residents of the community. The methodology adopted in this research was based on a qualitative approach with ethnographic elements, anchored in ethnomethodology, in the assessment of the data we used content analysis. In this way, we understand the educational and cultural aspects that involve playing in the river.

Keywords: Games, Children's culture, educational processes.

Introdução

Embarcar em uma viagem rumo ao universo infantil quilombola, embebido pelas águas amazônicas, é contemplar uma realidade singular, caracterizada pela interação com a natureza em diversos aspectos que perpassam o cotidiano da criança quilombola. Nesse sentido, afirmamos a criança com um sujeito social essencial no processo de formação cultural de suas comunidades.

Para Arenhart (2016, p.151), “a cada novo elemento, a cada novo modo de brincar [...] as crianças contribuem para esse movimento de manutenção e reinvenção da cultura”. Dessa forma contemplamos no universo da criança quilombola, as marcas do tempo presentes em suas brincadeiras, sendo elas transformadas, e não perpetuadas.

Nesse ensejo, o protagonismo infantil é a base desse estudo que se trata de um recorte analítico alicerçado na dissertação de mestrado “Saberes do rio: o brincar da criança quilombola da comunidade São Sebastião – Acará - PA”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Objetivamos nesse estudo, identificar as brincadeiras e brinquedos presentes nas vivências das crianças quilombolas ao brincar no rio Genipaúba, refletindo sobre os aspectos culturais e educacionais que envolvem tais práticas lúdicas.

Toutonge; Freitas; Pereira (2021, p. 106) ao tratar sobre as brincadeiras nas águas amazônicas, afirmam que, “brincar com e nas águas do rio como experiência de vida permite as crianças uma relação viva a partir dos conhecimentos de seus ancestrais, bem como com concepções de mundo e ao mesmo tempo gravar as memórias de seu povo”. Assim, ao abordar o contexto quilombola e suas interações sociais a partir do brincar, inferimos que tais práticas lúdicas, são fundamentais para potencialização da ancestralidade de seu povo, e seguem equiparadas aos processos de aprendizagem fomentados a partir das vivências lúdicas no rio Genipaúba.

A comunidade remanescente de quilombo São Sebastião

O município de Acará, tem sua história marcada pelo encanto por suas águas, pois seu surgimento está relacionado a facilidade de navegação que os portugueses perceberam ao percorrer seus mansos rios, resolvendo assim, instalar na região, um núcleo de colonização que

posteriormente tornou-se a sede do município. E nessa região margeada pelas águas amazônicas, encontra-se a comunidade remanescente de quilombo São Sebastião, *locus* deste estudo, instalada às margens do rio Genipaúba, em uma região mais conhecida como baixo Acará.

A interação homem e natureza, é algo a se enfatizar sobre o cotidiano dos moradores da região, visto que é um local composto pela tríade da natureza (terra, águas e matas), tais relações são enriquecidas pela presença de comunidades tradicionais, que compõem todo território acaraense. A diversidade cultural é, portanto, algo que caracteriza o município de Acará, o qual se destaca por ser o município que mais se encontram comunidades remanescentes de quilombo oficialmente registradas ou não, sendo este fato consequência da grande quantidade de escravos que habitavam a região no período colonial, devido a próspera atividade econômica na localidade, segundo os estudos de Salles (2005).

Entre tais comunidades remanescentes de quilombos que compõem o território acaraense encontramos a comunidade São Sebastião, que está em processo de certificação de suas terras junto a Fundação Palmares¹, sendo assessorada pela Malungu (Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Pará).

Ao tratar sobre suas características, a comunidade é composta por 50 famílias, que tem como meio de subsistência a produção e comercialização de farinha de mandioca além de praticarem a agricultura de subsistência, ressalto que a maioria das casas possui sua própria roça e casa de farinha. A maioria das casas da comunidade são de alvenaria, porém existem algumas de madeira, no centro da comunidade existe uma igreja católica, um barracão onde ocorre os eventos e atualmente também é utilizado como sala de aula (figura 1), para uma única turma multissérie, pois a escola da comunidade está desativada, por questões de infraestrutura. Quanto aos serviços de saúde, a comunidade conta somente com as visitas mensais dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS), que fazem o acompanhamento das famílias, realizando ações de prevenção, promoção e atenção à saúde.

¹ A Fundação Cultural Palmares é uma fundação federal brasileira de promoção da afro-brasilidade, fundada em 22 de agosto de 1988.

Figura 1: Barracão utilizado como sala de aula



Fonte: Arquivos da pesquisa (2023)

Ao tratar sobre o contexto histórico da comunidade, ressaltamos que não existe documento oficial que a disponha, sendo assim, tivemos como base histórica os relatos orais, colhidos durante as vivências na comunidade e principalmente em um encontro promovido pela Malungu (figura 2), com intuito de elaborar um documento sobre a história da comunidade, a partir das memórias de seus moradores mais antigos, como requisito para obterem a certificação Palmares.

Figura 2: Encontro promovido pela Malungu



Fonte: Arquivos da pesquisa (2021)

Baseados nas narrativas e ancorados nos estudos de Salles (2005), compreendemos que os remanescentes que hoje habitam a região do baixo- Acará, descendem de quilombos formados por ex-escravizados, que foram deixados à própria sorte nas fazendas escravocratas da região após a criminalização da escravidão. Tais fazendas tinham grande importância econômica para os colonizadores, tendo assim, uma grande quantidade de escravos, e após a criminalização da escravidão, foram abandonadas por seus proprietários, fazendo com que os negros permanecessem nos locais, e cultivassem as terras para sua própria subsistência e comercialização. Com o passar do tempo, outros sujeitos subalternizados pela sociedade, foram se incorporando a tais quilombos, que eram reflexo de esperança, sobrevivência e fuga da situação de miséria em que os marginalizados viviam, e por se tratar de uma localidade próxima a capital do estado, facilitou a multiplicação de moradores na região.

Navegando pela metodologia

Percorrendo as águas quilombolas, navegamos agora, pela metodologia utilizada nesse estudo. Sinalizo a priori, que essa pesquisa é baseada em uma abordagem qualitativa, visto que as reflexões sobre os aspectos culturais e educacionais presentes nas práticas lúdicas das

crianças quilombolas ao brincar no rio, não podem ser quantificadas, e suas interpretações precisam ser analisadas a partir da convivência com a comunidade. Conforme Minayo (2009).

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 2009, p.21)

Dessa forma, com a abordagem qualitativa podemos analisar os sujeitos a partir de suas percepções sobre si e/ou sobre contextos aos quais estão inseridos. Assim, para interpretar o universo infantil da comunidade remanescente de quilombo São Sebastião, a partir da observação de seus saberes, crenças e costume, nos ancoramos em conceitos e elementos do método etnográfico fundamentados nos estudos de Neto (2009), que ressalta ser necessário grande quantidade de dados descritivos sobre o fenômeno estudado, captados a partir da observação do pesquisador e considerando as reflexões e interpretações dos sujeitos envolvidos.

Compreendendo, que o fenômeno pesquisado está inserido no universo infantil, analisamos Arenhart (2016), sobre os estudos de inspiração etnográfica com crianças, “[..] exige adentrar no contexto em que se inserem os sujeitos e busca apreendê-los na relação com esse contexto, acreditando que este, ao mesmo tempo em que opera na constituição dos modos de ação e significação dos sujeitos, também é por eles constituídos”. (Arenhart, 2016, p. 43).

Nessa perspectiva a etnometodologia é a abordagem teórico-metodológica que melhor corresponde a esse estudo, pois direciona-se ao compartilhar de conhecimentos, entre as pessoas de um grupo, ao realizarem suas práticas cotidianas. Tomamos, portanto, Alain Coulon (1995) como metodólogo, pois o autor afirma que tal método tem uma epistemologia voltada para o cotidiano, e considera a realidade social construída na prática do dia a dia pelos indivíduos em suas interações sociais.

Como aliadas dessa pesquisa, buscamos utilizar técnicas que melhor se adequem ao universo infantil, nos ancoramos, portanto, nos estudos de Neto (2009), e selecionamos: Levantamento teórico para dimensionar o fenômeno estudado e garantir o respaldo científico. Destacamos também, como técnica etnográfica fundamental para esse estudo, a observação participante, que nos permite compreender profundamente ponto de vista das crianças sobre si mesmas, sobre os outros e sobre suas realidades, a partir da imersão no ambiente de estudo.

As rodas de conversas, que são essenciais em uma pesquisa com crianças, foram realizadas de forma prazerosa considerando o cotidiano das crianças da comunidade, e para isso, tivemos como espaço de conversas tanto o barracão, como também, as margens do rio Genipaúba, aproveitando as pausas nas brincadeiras que acontecem nos banhos de rio (figura 3). E para garantir fidelidade aos diálogos e registrar os momentos de ludicidade analisados, recorremos a gravação de voz, diário de campo, registros fotográficos e filmagens.

Figura 3: Roda de conversa no barracão e no rio



Fonte: Arquivos da pesquisa (2023)

Designadas as técnicas de coleta de dados, delimitamos os sujeitos da pesquisa, ressaltando que os mesmos compõem o estudo dissertativo. Selecionamos, portanto, 11 (onze) crianças, mediante a alguns critérios essenciais para o êxito desse estudo, sendo eles: a faixa etária de 4 a 12 anos, acessibilidade e residentes na comunidade remanescente de quilombo São Sebastião no município de Acará/Pa, devido a premissa de que as crianças da comunidade são protagonistas em suas histórias e brincadeiras.

Objetivando sistematizar e interpretar os dados coletados optamos pela análise de conteúdo, pois é uma forma de análise que não se limita a textualização dos relatos, mas sim

em analisar todos os tipos de comunicações, como define Bardin (1977, p. 31) “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Dessa forma, analisa os fenômenos profundamente, considerando suas subjetividades e interações com o contexto ao qual estão inseridos.

Para fins de respaldo, ponderamos os critérios éticos na pesquisa, características de pesquisas que tem crianças como sujeitos, em respeito a Resolução 466/12 do Ministério da Saúde e a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, utilizamos o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), documentos esses que foram apreciados pelas crianças e seus responsáveis. Assim como, receberam esclarecimentos sobre a importância do consentimento e respeito ao desejo de participar. As crianças optaram por criar nomes fictícios, mantendo assim, o caráter ético da pesquisa com crianças. Em vista disso, a pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética, tendo sido aprovada sob o número de parecer: 5.711.589.

Cultura infantil e o brincar da criança amazônica

As comunidades tradicionais trazem consigo uma carga histórica e cultural muito importante para potencializar sua ancestralidade no contexto contemporâneo. No cotidiano das comunidades, saberes se desvelam espontaneamente e são compartilhados com os indivíduos que compõe aquele meio. Assim, histórias, saberes e culturas se mantêm e se ressignificam ultrapassando gerações, pelos diferentes grupos sociais.

E nesse contexto, nós direcionamos ao universo infantil, pois a criança é o pilar para continuidade da identidade de seu povo, utilizando as brincadeiras como meio de manifestação cultural coletiva, fundamental para o desenvolvimento humano. Assim, ao tratar de cultura no campo da Sociologia da infância, compreendemos a infância como categoria social, contrapondo-se a idealização da criança como sujeito passivo frente a sua socialização pressupondo que “as crianças também socializam, aprendem e produzem cultura com base no que constroem e partilham entre si” (Arenhart, 2016, p. 22).

Assim, quando tratamos de cultura infantil estamos abordando as vivências das crianças e suas interações tanto com o mundo infantil, como também com o adulto em diversos contextos. Para Sarmiento (2002, p. 3), as culturas infantis se definem como a “capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação

intencional, que são distintos do mundo dos adultos de significação e ação”. O autor, portanto, afirma que a criança se apropria, reformula e ressignifica a cultura fomentada no mundo adulto.

Dessa forma, afirmamos a capacidade da criança em captar, e contribuir ativamente no processo de ressignificação cultural. Assim, como forma de manifestação cultural infantil promovida a partir das interações sociais, destacamos a brincadeira, “ainda que alicerçadas em regras e valores sociais, nos quais pautam suas referências de conduta, a brincadeira constitui-se, para as crianças, como uma propriedade subordinada aos seus arbítrios”. (Arenhart, 2016, p. 145).

Diante disso, relacionando ainda, a uma perspectiva da Sociologia da infância, Arenhart (2016) aborda a brincadeira como manifestação cultural e característica do universo infantil, sendo um reflexo do protagonismo da criança na produção cultural de seu meio, ao afirmar que, “Um dos fatores que permitem à brincadeira ser manifestação de protagonismo infantil e produção de cultura de pares relaciona-se à sua própria natureza, isto é, de constituir-se num espaço aberto, possível pela vontade e ação dos sujeitos que brincam”. (Arenhart, 2016, p. 144).

Destaca-se, portanto, a interação da criança com o rio e suas vivências infantis. Para Alves; Andrade; Reis (2019, p.62) “a criança ribeirinha da Amazônia participa e estabelece relações sociais incorporando a cultura do seu meio; nasce inserida em sua cotidianidade”. Se faz necessário, então, para este estudo, assimilar a infância em seus aspectos socioculturais para assim entender as especificidades dos amazônidas.

O sujeito quilombola ribeirinho têm, portanto, seu cotidiano marcado pela relação com o rio, que não só é utilizado para locomoção, como também, é o local de onde tiram seu sustento, e se compartilham saberes fomentando sua identidade e ancestralidade. Um local onde a aprendizagem acontece de forma espontânea e divertida se exteriorizando nas brincadeiras. Brandão (1995) evidencia que “a educação existe onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado” (Brandão, 1995, p. 13). Assim, reforçamos a ideia de que a aprendizagem existe em diversos meios, visto que a criança observa, reproduz, aprende e ressignifica vivências e sabedorias do ambiente que a cerca, perpassando essa relação por práticas educativas que potencializam o aprendizado cultural.

O rio Genipaúba é o principal local de diversão e interação das crianças da comunidade, é nele que expressam sua ludicidade, “nos rios, nas águas, as crianças praticam a cultura do

brincar. É pelas águas também, que as crianças aprendem a brincar uma com as outras e criam brincadeiras [...]” (Toutonge; Freitas; Pereira, 2021, p. 67). Através das brincadeiras no rio, as crianças têm a oportunidade de manifestar a cultura infantil de seu povo, fazendo daquele espaço, um local interação e produção de conhecimento.

As brincadeiras no rio Genipaúba e os processos educativos

Chegamos então, ao propósito desta viagem, protagonizada pelas crianças remanescente de quilombo, durante as brincadeiras no rio Genipaúba. Dessa forma, realizo uma análise nas brincadeiras que acontecem durante o banho de rio, destacando suas singularidades e os processos educativos implícitos no brincar.

Assim, tendo a criança amazônica como protagonista desse estudo, analisamos suas vivências, brincades, relatos e expressões, compreendendo os saberes ali revelados, oriundo de uma formação cultural conscientes ou inconscientes evidenciado durante as brincadeiras no rio. Para Andrade (2019):

As crianças ribeirinhas detêm saberes culturais primorosos, ricos em detalhes, observáveis nas práticas cotidianas ligadas diretamente à natureza. No exercício dessas práticas, conhecimentos diversificados compõem a dinâmica das vivências que se dão na água, na terra, na mata e em outros locais criados por elas. (Andrade, 2019, p. 104)

Dessa forma, reafirmamos a riqueza de aprendizados presentes nas brincadeiras das crianças amazônicas. E para essa discussão inferimos Toutonge; Freitas; Pereira (2021), “a ludicidade presente nas brincadeiras com as águas é a forma pela qual a criança vai se apropriando do mundo, e vai compreendendo o mundo humano entrando em cena em seu processo de constituição, enquanto sujeito histórico e cultural”. (Toutonge; Freitas; Pereira, 2021, p.110). Portanto, as brincadeiras que acontecem no universo lúdico das águas do rio Genipaúba (figura 4), estão repletas de saberes históricos e culturais que distinguem as comunidades tradicionais.

Figura 4: Crianças brincando no rio Genipaúba



Fonte: Arquivos da pesquisa (2023)

Entre os diversos aspectos que distinguem as brincadeiras da criança amazônica, destacamos a apropriação de elementos extraídos da natureza e utilizados pelas crianças como brinquedos, expondo assim, a espontaneidade e a intimidade da criança com o ambiente que a cerca.

Inferimos que o brinquedo faz parte da brincadeira, como afirma Brougère (1995), pois o autor destaca que sem a brincadeira, o brinquedo é desprovido de sentido, e somente tem significado a partir da manipulação da criança, passando a possuir um valor cultural, por integrar o universo lúdico do brincar.

Diante do exposto, trazemos abaixo, as brincadeiras identificadas e descritas pelas vozes das crianças remanescentes de quilombo da comunidade São Sebastião, em seguida abordaremos os brinquedos naturais que fazem parte desse brincar, relacionando aos processos educativos que compõe tal universo lúdico.

Quadro 1- Nomes das brincadeiras no rio, relatadas pelos sujeitos.

Nome (Fictício)	IDADE	BRINCADEIRAS NO RIO
Juca	8 anos	Casinha, pira-ajuda, arremesso de sementes.
Isa	5 anos	Casinha, pira-ajuda, pira-mãe e pira-cola.
Loira	8 anos	Pira- ajuda, casinha.
Lalá	6 anos	Casinha, arremesso de sementes e pira-ajuda.
Lipe	12 anos	Salto da ponte e pira-mãe.
Biel	10 anos	Arremesso de sementes e pira-ajuda.
Cacá	4 anos	Pira-mãe, pira-cola.
Bino	4 anos	Pira-ajuda e pira-mãe.
Nicolau	5 anos	Pira- ajuda, salto da ponte e casinha.
Turino	5 anos	Salto da ponte, pira-ajuda, pira-mãe.
Elô	10 anos	Pira- ajuda, arremesso de sementes e salto da ponte.

Fonte: Elaborado após análise (2023)

Identificadas as brincadeiras que acontecem durante os banhos de rio, na comunidade São Sebastião, observamos que algumas se repetem de acordo com a faixa-etária. No entanto, tal fato não é impedimento para que as brincadeiras façam parte da vida das crianças mais novas até as mais velhas, integrando assim, a ludicidade no rio Genipaúba.

Durante as vivências proporcionadas pela pesquisa de campo, a partir da observação do brincar no rio, instigui as crianças a refletirem e dialogarem sobre as brincadeiras que praticam, fazendo algumas indagações a elas. Conduzimos as crianças a relatarem qual o significado das brincadeiras no rio, a partir de suas percepções, no qual obtivemos tais relatos:

- É quando a gente tá no rio com os amigos e inventamos alguma coisa pra brincar. (Turino, 5 anos)
- É a melhor parte do dia, quando a mamãe deixa eu vim pro rio e tem muitas brincadeiras com meus amigos, eu gosto mais de pira-ajuda. (Biel, 10 anos)

Conduzimos a conversa indagando quais suas brincadeiras preferidas, e a maioria escolheu pira²- ajuda. Ao perguntar como se desenvolvia tal brincadeira, as crianças ficaram eufóricas em responder, explicando com clareza, sobre a prática e as regras. Podemos assim, refletir sobre a complexidade da brincadeira, devido a várias normas. Porém, observamos que esse fato não é impedimento para a participação das crianças menores, pois elas são capazes de memorizar as regras, obedecendo-as com espontaneidade e harmonia. Muitos já chegavam no rio demonstrando sua vontade em ser “a mãe”, e com essa fala, as outras crianças prontamente nadavam em várias direções para que não pudessem ser alcançados e assim não ter a chance de ser o vencedor naquela rodada da brincadeira.

As brincadeiras de pira, são geralmente praticadas pelas crianças da comunidade, seja “pira-mãe”, “pira-ajuda” ou “pira- cola”, fazem parte frequentemente daquele brincar. As “piras”, são conhecidas em diversas regiões, e tem origens antigas, se modificando com o passar do tempo e se adaptando à vontade dos brincantes, possuindo assim características e elementos culturais próprios das sociedades as quais estão inseridos.

Com relação a utilização do espaço de brincar, destaca-se a utilização da ponte e do trapiche nas práticas lúdicas (figura 5). O trapiche, é para as crianças um local dinâmico, pois se reúnem para várias atividades lúdicas. Andrade (2019, p. 221), discorre sobre o trapiche como lugar de brincar “Talvez por ser amplo, o que facilita o movimento corporal das crianças [...] se constitui em um lugar privilegiado para elas, que ali correm, sentam, deitam-se para ouvir e contar histórias”.

² Brincar de pira é o mesmo que brincar de “pegador”.

Figura 5: Crianças brincando no trapiche e na ponte



Fonte: Arquivos da pesquisa (2022)

Quando nos referimos a ponte, observa-se sua utilização na brincadeira “salto da ponte”, sendo uma das brincadeiras mais atrativas pela sensação de aventura, quando os brincantes pulam da ponte, em direção ao rio. “É essa sedução, que deixa a criança fascinada pela água, e faz com que ela voe, para mergulhar e ir ao encontro daquilo que a encanta e seduz” (Carvalho, 2006, p. 255).

Ao saltar da ponte algumas crianças optam por pular livremente, e outras recorrem a utilização da corda, onde uma ponta está amarrada a uma árvore e a outra está atrelada a um pedaço de galho, que serve de apoio para as crianças se segurarem, enquanto saltam para o rio. Pular com a utilização da corda é geralmente praticada pelas crianças maiores, inferimos então, que as crianças possuem uma percepção sobre a segurança de si mesma e de seus pares.

O banho no rio Genipaúba, não se resume somente a um ato de higiene, pois brincar e banhar, caminham em paralelo naquele universo lúdico que é o rio. A intimidade que as crianças têm com o rio, faz com que se apropriem de elementos naturais para o seu brincar, o que sob o olhar do adulto pode ser apenas um galho ou folha, na imaginação da criança se torna “comidinha”; assim como, uma ponte se torna trampolim; e um tronco se torna uma boia. “As

crianças, brincando nas águas do rio, demonstram uma enorme intimidade com esse meio líquido, elas e a água se unem numa cumplicidade única” (Carvalho, 2006, p. 258).

Ao tratar sobre apropriação de elementos naturais para o brincar, destacamos as brincadeiras “arremesso de sementes” e “casinha”, que precisam dos brinquedos naturais para sua execução (figura 6). As crianças recorrem, portanto, ao uso de elementos da natureza para extravasar sua criatividade “[..] criando seus brinquedos, descobrindo nas árvores, nas águas dos rios, nas folhas e nas sementes, nos galhos, nos cipós, nos frutos verdes, nas pedras, objetos que passam a ganhar vida e identidade em suas brincadeiras” (Carvalho, 2006, p. 30).

Figura 6: Crianças utilizando os elementos naturais como brinquedos



Fonte: Arquivos da pesquisa (2022)

Na brincadeira “arremesso de sementes”, as crianças recolhem “sementes de fava”, que estão espalhadas as margens do rio, e começam uma competição, onde o ganhador é aquele que arremessar a semente na maior distância.

Já na brincadeira “casinha” as crianças utilizam folhas e sementes para fazerem “comidinha”. Assim, ambas as brincadeiras permeiam numerosos elementos naturais que simbolizam a própria cultura lúdica da comunidade e sua peculiaridade de significados. “Todo o inventor, por mais genial que seja, é sempre produto da sua época e do seu ambiente” (Vygotsky, 2009, p. 35-36).

O autor afirma ainda, que as ressignificações das brincadeiras e dos brinquedos, construídos a partir de elementos naturais com a finalidade lúdica são forjadas a partir da imaginação em conformidade com a realidade social das crianças, provenientes de interações e experiências anteriores. Vygotsky (2009), infere que a apropriação de artefatos naturais como possibilidade de brincar é uma prática cotidiana infantil, carregada de significados que vão além da realidade, aspecto este que caracteriza a cultura lúdica.

Destacamos que na comunidade, a ressignificação da natureza está em consonância com o objetivo das brincadeiras, atuando como uma forma interações sociais e afetivas. Como afirmam Toutonge; Freitas; Pereira (2021) “[..] os brinquedos e as brincadeiras são fontes inesgotáveis de interação lúdica e afetiva. Nesse sentido, por meio deles, como já dito, o sujeito dá-se conta de si, do mundo e aprende no ciclo social e interativo da comunidade”. (Toutonge; Freitas; Pereira, 2021, p. 114).

A partir das observações e análise dos relatos, compreende-se que as brincadeiras, fazem parte do contexto cultural do rio Genipaúba, e se intensificam a partir das interações sociais e o compartilhar de conhecimentos, que ultrapassam gerações, sendo transmitidos dos mais velhos aos mais novos. Dessa forma, os saberes proporcionados pela experiência presente na comunidade, passam sobretudo, pelo respeito, pela convivência e pelo diálogo entre os velhos e as crianças. Podemos observar tal aprendizagem nos relatos a seguir:

- Os velhos educam a gente, quando falamos alto ou gritamos eles vêm logo ralar, e também pra gente não se meter na conversa dos outros. (Juca, 8 anos)
- Minha avó que me ensinou a brincar de casinha aqui no rio, quando eu era pequena. (Lalá, 6 anos)

Analisamos, portanto, que através da interação entre as crianças e os mais velhos, a aprendizagem se potencializa pela oralidade, reafirmando a ancestralidade quilombola da comunidade, resultante de transformações culturais, pelas quais os sentidos e significados agem de forma dinâmica marcados pelo tempo e espaço. Para Andrade (2019):

As vivências culturais que passam de uma geração a outra, através da oralidade, têm sido um dos caminhos pelos quais as crianças ribeirinhas têm guardado na memória um vasto repertório de histórias que constituem saberes [...] e que têm sido ressignificados por elas, além do que produzem novos repertórios. (Andrade, 2019, p.232)

Dessa forma, as interações sociais na comunidade, são essenciais para os processos de aprendizagem. Nessa perspectiva, destacamos também a coletividade, pois observamos que nenhuma criança menciona a brincadeira como algo individual, e sim expressa a importância da presença do outro, no ato de brincar. A coletividade é, portanto, a base para a construção da brincadeira.

Assim aprender através da coletividade, resulta em um compartilhar de conhecimentos, que perpassam pelo processo de ensinar e aprender, explicitamente presentes nos seus brincares. “Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” (Brandão, 1995, p. 7).

O compartilhar de saberes é, portanto, algo fundamental para a criança desenvolver conhecimentos acerca do mundo em que vive, sobre si mesma e sobre seus pares. A partir da convivência com o outro ela vai desenvolvendo vínculos afetivos, direcionados não somente aos seus pares, como também ao ambiente em que vivem.

O sentimento que faz a criança ensinar e aprender as brincadeiras, zelar pelo seu espaço de brincar, compartilhar e produzir brinquedos, nos referenciam a traços de afetividade, contribuindo assim para o desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e cultural desencadeados pelos sentimentos que nutrem seu universo infantil.

Diante do exposto, o convívio com a comunidade remanescente de quilombo São Sebastião, nos revelou que o rio, é um local de aprendizagem, fomentador de saberes que transcendem os paradigmas da educação formal. As crianças, da comunidade, vivenciam saberes que enriquecem sua cultura e identidade, forjados por uma práxis cotidiana que se potencializa quando compartilhados através da ludicidade no rio.

Conclusão

A partir da identificação das brincadeiras, originadas nas interações lúdicas no rio Genipaúba da comunidade remanescente de quilombo São Sebastião, compreendemos os

processos educativos pelos quais tais saberes são fomentados a partir do brincar, refletindo sobre a importância da apropriação da identidade quilombola, no processo de ressignificação cultural.

Constatamos que a partir das brincadeiras, a criança tem oportunidade de experienciar a ancestralidade quilombola, compartilhando o aprendizado com seus pares, e fortalecendo vínculos afetivos tanto com os membros da comunidade como também com o rio, local onde extravasa sua ludicidade e expressa a cultura infantil de seu povo.

Assim temos na cultura infantil quilombola, uma representação ressignificada e inundada de especificidades inerentes a um grupo social subalternizado, que possui um vasto patrimônio cultural, em que as vozes infantis devem ser valorizadas.

É necessário, portanto, dar visibilidade ao protagonismo da criança quilombola, enaltecendo a resistência e ressignificação dos saberes expressados nas brincadeiras infantis, que se potencializam em espaços não escolares e rompem paradigmas hegemônicos educacionais, pois se constituem em uma comunidade remanescente de quilombo, espaço este, marcado historicamente pela resistência e exclusão social.

Por fim, refletimos sobre a importância de ecoar a cultura das comunidades tradicionais, para além das fronteiras amazônicas, almejando o desenvolvimento de novas epistemologias que apreciem o conhecimento empírico. E dessa forma proporcione à criança, o acesso e compreensão científica, histórica e cultural sobre as singularidades que caracterizam os povos amazônidas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Laura M. S. A; ANDRADE, Simeia.S.; REIS, Magali. O lugar social da criança ribeirinha da Amazônia marajoara. In: Maria Izabel Machado. (Org.). **A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano** 2. 1ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, v. 2, p. 56-66.

ANDRADE, Simeia Santos. **A infância da Amazônia marajoara**: práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas da Vila de Piriá-Curralinho/PA. Curitiba: CRV, 2019.

ARENHART, D. **Culturas infantis e desigualdades sociais**. Petrópolis: Vozes, 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Ed. Cortez. 1995.

CARVALHO, N. C. **Entre o Rio e a Floresta**: um estudo do imaginário e da ludicidade de crianças ribeirinhas. 2006. 294 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – UGF, Rio de Janeiro, 2006.

CORSARO, W. A. **A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças**. Educação, Sociedade e Cultura, Porto, Portugal, n.17, p.113-134, 2002.

COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SALLES, V. **O negro no Pará**: sob o regime de escravidão. 3. ed. Belém: IAP/ Programa Raízes, 2005.

SARMENTO, M. J. Imaginário e Culturas da Infância. In: Projeto POCTI/CED/ 49186. **As marcas dos tempos**: a Interculturalidade nas Culturas Infantis. Universidade do Minho, 2002.

TOUTONGE, E. C. P.; FREITAS, M. N.M.; PEREIRA, R. C. **Saberes das águas na Amazônia**: conhecimentos tradicionais, processos educativos e culturais de ribeirinhos. 1ª Ed.- Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A imaginação e a arte da infância**. Rio de Janeiro: Relógio d'Água, 2009.

Artigo submetido em 31/08/2024, e aceito em 30/09/2024.